

## **OSWALD DE ANDRADE N'O PIRRALHO**

**Vera Chalmers**

verachalmers@uol.com.br

Para a criação da revista *O Pirralho*, de 12 de agosto de 1911 a 25 de fevereiro de 1918, concorreram significativamente Oswald de Andrade e Voltolino, pseudônimo do caricaturista Lemmo Lemmi. A presença de Voltolino é fundamental para imprimir uma característica de revista ilustrada original e de boa qualidade gráfica, em meio às publicações da época. Os desenhos de capa e as tiras de Voltolino relatam o cotidiano da política em São Paulo e os costumes da elite e dos proletários paulistanos, constituindo assim uma narrativa gráfica, que serve de suporte e apoio à matéria anônima escrita sobre os acontecimentos da candidatura e do governo de Hermes da Fonseca, até o fim do seu mandato. O anedotário escrito dissemina-se anonimamente pela revista, a autoria é coletiva. Oswald de Andrade é o criador das “Cartas D’Abax’O Piques”, sob o pseudônimo de Annibale Scipione, criando o dialeto ítalo-paulista falado nas ruas de São Paulo pelos imigrantes e seus descendentes, do nº 2, de 19 de agosto, ao nº 10, de 14 de outubro de 1911 (CHALMERS, 1988). Alexandre Marcondes Machado assume as “Cartas D’Abax’O Piques”, sob pseudônimo de Juó Bananere, que o tornou famoso, a partir do nº 11, de 21 de outubro de 1911, antes da partida de Oswald para a Europa em 1912. A correspondência do Piques relata o dia a dia da política e faz a crônica dos costumes populares, além de contar anedotas sobre os membros da redação. Uma criação original da fase inicial da revista é a paródia dos jornais da época, em suas seções fixas e temporárias, que imitam no

estilo cômico os artigos de fundo, o noticiário e a linguagem informativa dos jornais de grande circulação, como o *Biralha*, *Xornal Allemong*, de Franz Kennipplerlein, e *A Fita Moderna. Propriedade de um sindicato de bicheiros*. A *Correspondência de Tiririca*, de Fidêncio da Costa, e *As Cartas D'Abax'O Piques* parodiam as falas dialetais de migrantes e de imigrantes, que afluem à cidade de São Paulo, em transformação. A revista registra a diversidade cultural da cidade que se industrializa e se urbaniza, mas com vistas ao público da fechada elite paulistana dos “quatrocentões”, empurrada pelos arrivistas de todas as origens. O noticiário mundano toma um grande espaço na revista, noticiando os lazes dos rapazes da Academia de Direito e das moças da sociedade, além dos flagrantes fotográficos de rua e de festas nos salões e clubes das múltiplas elites. O noticiário dos espetáculos de teatro, de cinema e de variedades contribuem para se avaliar o repertório cultural das elites e o popular às vésperas do evento da Semana de Arte Moderna. As companhias líricas estrangeiras apresentam-se nos modestos teatros da cidade e depois no recente Teatro Municipal. A encenação de autores nacionais é muito restrita, em vista do repertório internacional. As famílias enriquecidas de origem imigrante contribuem para a afluência do público às óperas, às operetas e aos espetáculos teatrais das companhias estrangeiras que nos visitam a caminho de Buenos Aires. O cinema é internacional e os espetáculos de variedades e de circo apresentam *troupes* nacionais e estrangeiras.

Os imigrantes encontram-se em torno dos clubes ou associações de classe, onde assistem a conferências, espetáculos teatrais e musicais de amadores, divulgados pela imprensa militante de cunho libertário e dos filodramáticos. A cidade, em todos os seus estratos sociais, apresenta uma movimentação cultural apreciável, embora os novos poetas e escritores, recém-chegados à vida literária e artística, já se queixem da estagnação desta produção cultural múltipla, copiada de modelos estrangeiros e clamem por uma produção original de cunho nacional. À véspera da festa da Independência, predominava na cidade a vida literária presidida por Amadeu Amaral e o epigonismo, apesar do regionalismo e de manifestações nacionais de atualização das tendências universais da literatura e das artes. A convivência de tendências divergentes ainda está longe da polêmica passadista-modernista, que animaria a segunda década do século vinte, nos anos imediatamente anteriores e posteriores à *Semana de Arte moderna* de 1922. O *Pirralho*, descendente do pasquim colonial e do Império, exprime um impulso vital original nas contribuições de Oswald de Andrade e de Voltolino. O desenho e as letras exprimem o erudito e o popular na perspectiva de renovação

dos códigos vigentes pela inversão paródica, no momento em que os poemas de Apollinaire e o Cubismo já circulavam em Paris e o Futurismo já era conhecido na Itália e no exterior. Porém a notícia do Cubismo e do Futurismo não atingia o meio artístico-literário paulista, para desestabilizá-lo. Juó Bananere menciona o Futurismo na paródia do ítalo-paulista. Os estudantes da Faculdade de Direito de São Francisco estão empenhados como jornalistas em ingressar no mundo das letras, sob a hegemonia da Academia Brasileira de Letras, embora a prática do humor os leve à crítica da vida literária do momento. Uma amizade importante de Oswald de Andrade no início de sua carreira de escritor foi Emílio de Menezes, muitas vezes festejado pelos jovens estudantes da Academia e por *O Pirralho*. João do Rio aparece eventualmente nas páginas da revista, na paródia de *A Fita Moderna*. A colaboração literária n'*O Pirralho* não é homogênea, mas exprime a convergência de estilos antagonistas, como o pós-naturalismo, o pós-simbolismo e o decadentismo na constituição do moderno.

## A CRONOLOGIA D'O PIRRALHO

A revista *O Pirralho* surge sob a égide do teatro, apadrinhada por Mimi Aguglia e Mascagni, e exprime a experiência de Oswald de Andrade no jornalismo como cronista mundano e como repórter dos espetáculos teatrais, na coluna "Teatros e Salões" do *Correio Popular*, na primeira década do século vinte. A revista noticia a partida de Oswald de Andrade, seu Secretário, para a Europa no Martha Washington, no nº 23, de 13 de janeiro 1912. Há uma caricatura de Voltolino e uma tira, que narra as peripécias da partida do escritor. Mais adiante, algumas "charges" anunciam a criação de uma sucursal em Roma e Oswald de Andrade como correspondente, anotando em um bloco de papel diante do Coliseu. A prometida reportagem da viagem nunca se concretiza. Durante a ausência do secretário da revista, esta, no lápis de Voltolino, dá destaque para o desenho e a paródia, exibindo a vitalidade do pasquim anti-hermista, e abre espaço para a reportagem da vida mundana, mostrando fotografias de elegantes em festas e das autoridades nas celebrações militares na Força Pública. Há concursos para eleger moças chiques e rapazes *smarts*, alusões a flertes e descrições de toaletes, com as iniciais das senhoritas, sucessos mundanos que marcam a presença de Baby de Andrade. Voltolino é responsável pelas notícias de greves e de assuntos que envolvem as classes populares, em suas caricaturas e suas tiras. A revista anuncia a triste volta de Oswald de Andrade à

cidade, no nº 57, de 7 de setembro de 1912, de luto pela morte da mãe. O retorno de Oswald de Andrade, em 1912, apesar de tomar conhecimento do Manifesto Futurista, na Europa, não traz mudanças radicais para a publicação da revista, pois o que o escritor traz em sua bagagem intelectual é a colaboração de poetas e prosadores das revistas francesas, citados na nota “Colaboração Francesa”, nº 76, de 1 de fevereiro de 1913, tais como os literatos Gabriel Reuillard e René Wachtausen, e as revistas *Coemedia* e *Les Hommes du Jour*, à disposição na redação. A revista publica a série cômica anônima do “Dicionário de Hermes”, do nº 89, de 1 de março de 1913, ao nº 104, de 20 de setembro de 1913, cuja autoria pode ser atribuída à verve humorística anti-hermista de Oswald de Andrade, que teria escrito posteriormente, nos anos 1930/1940, verbetes supostamente filosóficos, de forma aforismática de acordo com a tradição filosófica, em cadernos e notas soltas, publicados em livro postumamente (ANDRADE, 2007). Ao “Dicionário do Hermes” seguem-se “A Geografia do Hermes” e “A História do Hermes”, cuja redação discursiva difere dos verbetes sintéticos do dicionário. O nº 109, de 20 de setembro de 1913, comunica que Oswald de Andrade deixou de fazer parte da redação da revista, mas continua como colaborador.

No ano seguinte, em 1914, *O Pirralho* arrefece o seu conteúdo de polêmica política. A matéria mundana reflete o lazer e os mexericos da juventude da elite. Em meados deste ano, a revista toma novo impulso e a crítica social e política reaparecem sob a forma de Suplementos Literários paródicos. *O Rigalegio*, do nº 80, de 1 de março de 1913, ao nº 145, de 30 de maio de 1914, acompanha *O Birralha*, iniciado no nº 5 de 9 de setembro de 1911, e publicado até o nº 161, de 14 de novembro de 1914, como operações metalinguísticas da linguagem jornalística dos periódicos de grande circulação. Há uma intensa correspondência entre leitores e a redação sob a forma de notas sociais, nas quais as pessoas são reconhecíveis pelas iniciais, no restrito círculo dos elegantes paulistanos de estirpe, a juventude das grandes famílias. A revista é extremamente indiscreta na sua penetração e recepção pela elite, a ponto de instalar uma enquete mundana no nº 129, de 7 de fevereiro de 1914. Oswald de Andrade inicia a publicação da crônica “Lanterna Mágica” no nº 158, de 24 de outubro. Baby de Andrade retira-se da revista, em notícia do nº 155, de 3 de outubro de 1914.

A partir de 1915, a revista literatiza-se. Guilherme de Almeida é assíduo colaborador com seus poemas. Oswald de Andrade publica em “Lanterna Mágica”, nº 168, de 2 de janeiro, “Em prol de uma pintura nacional”, no qual defende motivos brasileiros no paisagismo dos bolsistas recém-chegados ao Brasil devido à guerra na Europa. A partir do

nº 201, de 4 de setembro, *O Pirralho* passa a ser quinzenal com a promessa de intensificar a colaboração literária, noticiar os acontecimentos da atualidade, dos esportes, dos teatros e publicar reportagens fotográficas. Oswald de Andrade retira-se da direção da revista, em notícia publicada no nº 206, de 13 de novembro, sob nova direção. Juó Bananere publica as “Cartas D’Abax’O Pigues”. Oswald de Andrade continua a assinar a crônica “Lanterna Mágica” até o nº 192, de 19 de junho deste ano. No nº 201, de 4 de setembro, publica “Soluções de Ibsen”. Em fins de 1914 e em 1917, *O Pirralho* torna-se situação com a eleição de Washington Luís para Prefeito. O artigo de fundo e as “Notas Políticas” refletem o conformismo da revista e seu suporte da oligarquia paulista. Durante este ano, *O Pirralho* publica o suplemento “O Pirralho no Rio”, nº 177, de 6 de março, ao nº 182, de 10 de abril de 1915, quando se inicia a enquete sobre “O Estado Atual das Letras no Rio de Janeiro”, à qual respondem vários literatos, entre os quais João do Rio, Fabio Luz, Lima Barreto, Olavo Bilac, Coelho Neto e outros, até o encerramento no nº 208, de 11 de dezembro de 1915.

O ano de 1916 começa com artigos de fundo sobre a eleição de Altino Arantes e Candido Rodrigues para a Presidência do Estado, a derrota da dissidência perrepista e da campanha de Julio Mesquita Filho contra o novo governo, através de *O Estado de S. Paulo*. A dissidência posiciona-se contra a pasta da Fazenda, comandada agora por Cardoso de Almeida e antes chefiada por Sampaio Vidal, apoiado pelos dissidentes. A revista faz campanha contra *O Estado de S. Paulo* no Artigo de Fundo a respeito do imposto sobre os lucros do comércio. Antonio Define é o Diretor e Dolor de Brito o Secretário. Guilherme de Almeida publica seus poemas com assiduidade. A guerra na Europa ronda os bastidores da política nacional, no lápis de Voltolino. Manifestam-se em conferências, em visita a São Paulo, Ruy Barbosa, sobre o nacionalismo, e Olavo Bilac, sobre a instrução militar e o civismo. O nº 224, de 14 de outubro de 1916, assinala no Expediente a mudança de direção da revista, agora com João Domingues Oliveira como Diretor e Luís Viana como Secretário. O “Expediente” assinala que o programa da revista continua o mesmo. No entanto, os poucos números de 1916 revelam a ampliação do aspecto mundano da revista, com fotografias de elegantes caminhando pela rua XV de Novembro, Festas Cívicas com a presença de militares e retratos de jovens da sociedade. A seção “O Pirralho Social”, a qual ocupava apenas uma coluna, agora é página inteira, com reportagens e fotografias da elite paulistana. O desenho de Ferrignac, pseudônimo de Ignácio Ferreira, ganha destaque nas caricaturas que faz de Oswald de Andrade e de Guilherme de Almeida, entre outros. Jeroly aparece com caricaturas

de assunto variado. Guilherme de Almeida continua a publicar ao lado de outros poetas menos conhecidos. A revista perde a qualidade humorística e a eloquência de antes. *O Pirralho* dá notícias das leituras das peças em francês de Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, *Mon Coeur Balance* e *Leur Âme*. O nº 218, de 2 de março, publica nota na qual se refere à leitura, na redação de *O Estado de S. Paulo*, das duas peças mencionadas e da peça inacabada, *A Escalada*.

Em 1917, depois de um período de arrefecimento do interesse da revista pela falta de renovação, *O Pirralho* está sob nova direção; o redator-secretário é Ulysses Lelot, e o periódico mostra um novo cabeçalho, apresentando apenas o título, sem a data. O editorial, “A modos de Programa”, explica que o seu programa “é o mesmo de há seis anos, quando a revista nasceu – ser gaiato e irreverente, brilhante e lépido. Não faz mal aos bons, não dirá infâmias, não criará calúnias. Não é seu o sinistro tipo de coveiro de reputações que a curiosidade popular criou e mantém a tostões diários”. A revista ganha um grande interesse com a colaboração do desenho *art-déco* de Emiliano Di Cavalcanti e a volta de Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida e Alexandre Marcondes Machado. O escopo da revista com suas seções mundanas permanece: “O Pirralho Social”, “O Pirralho Carteiro” e outras, mas a qualidade da colaboração literária ganha peso com a reunião dos nomes de literatos que vão se agrupando na formação do grupo moderno e tomando distância com relação ao numeroso e dispersivo elenco dos representantes acadêmicos ou não dos novos, o qual, pela imitação dos modelos consagrados nas folhas de jornais, nas seções literárias e mundanas, vai se tornando conservador pela repetição. A reunião dos Acadêmicos de Direito e dos jovens da sociedade em torno da revista contribui para criar o substrato e o cadinho cultural, os quais originam o moderno e nos quais surgirá, depois de 1922, o Modernismo.

Oswald de Andrade reedita “Lanterna Mágica” no nº 239, sem data. A colaboração de Guilherme de Almeida é assídua, antecipando a edição do volume de poemas intitulado *Nós*. A leitura dos poemas e o lançamento do livro fazem-se na redação de *A Cigarra*. Os poemas são apresentados n’*O Pirralho* com ilustrações estilizadas, renascentistas ou pré-rafaelitas, acompanhados de vinhetas *art-déco*, ressaltando a tipografia do texto escrito. Os desenhos, ilustrações e caricaturas de Di Cavalcanti apresentam características *art-déco* muito estilizadas pela síntese dos elementos que compõem a figura, em traços expressivos e elementos decorativos. As ilustrações têm valor estético. Oswald de Andrade apresenta três capítulos do livro em gestação, *Memórias Sentimentais de João Miramar*, ilustrados por Di Cavalcanti. A publicação

em série é interrompida talvez pelo afastamento do escritor da revista. Os dois últimos números d'*O Pirralho*, em 1918, exibem a decadência da revista, com a publicação por inteiro de longos discursos políticos e a criação de seções dedicadas exclusivamente ao público feminino, tais como “Receitas Práticas”, “Moda”, etc. As seções “O Pirralho Social”, “O Pirralho Carteiro” subsistem, estabelecendo o contato com os leitores, mas mudam as características, adquirindo um tom neutro e retórico. *O Pirralho*, que nasce brilhante e irreverente, morre de inanição em 1918. O Expediente noticia, no nº 206, de 13 de novembro de 1918, que Oswald de Andrade acaba de abandonar a direção da revista.

### A ESCOLHA DA TRADIÇÃO EM OSWALD DE ANDRADE

De acordo com Otto Maria Carpeaux (1964, p. 2768), citando o poeta e crítico inglês W. H. Auden, o que define a convivência de estilos divergentes a partir de 1910 até a eclosão da guerra de catorze são as escolhas da tradição feitas pelos artistas e literatos. No caso de Oswald de Andrade em “Lanterna Mágica”, o escritor comenta a produção literária do momento e assinala suas preferências. Na crônica nº 169, de 9 de janeiro de 1914, quanto à sobrevivência do naturalismo, afirma sua escolha por Maupassant e, na crônica de nº 178, de 13 de março de 1915, um ano depois, escolhe o primeiro Eça de Queiroz, ainda romântico, rejeitando contraditoriamente a influência do naturalismo francês na obra do escritor português. Na crônica de nº 169, discute a evolução do romance como gênero moderno, faz uma breve história do surgimento e da afirmação deste e localiza seu apogeu “pela mão dura de Balzac”<sup>1</sup>, a partir de quem sucedeu a “vontade contemporânea de reproduzir a verdade nos livros.” O cronista cita de passagem o romance inglês e refere-se a Stendhal, como quem exprimiu “a figura soberana da nova arte”. Para ele, Flaubert foi o artífice do novo gênero e Maupassant “mais do que nenhum o representou”. Oswald de Andrade traça a filiação da arte naturalista; a estética nova tem como princípio a “visão exata dos homens e das coisas”. Ao colocar-se como um “filho” ainda desse período literário de 1880 e a ele ligado pela corrente moderna dos romancistas que dele derivam, menciona os estudos de ambiente como primazia na arte de “colocar com fidelidade e relevo as figuras humanas nos quadros naturais e sociais, que as rodeiam e seguem”. O cronista refere-se às

---

<sup>1</sup> Foi feita a atualização ortográfica dos textos de Oswald de Andrade.

monografias de Balzac, que “acompanham de perto a narração”. Ao tratar do ambiente urbano, declara que a descrição dos interiores sustenta e torna preciso o desenvolvimento da ação das personagens. Oswald de Andrade coloca Maupassant como o “mestre perfeito do naturalismo, que domina hoje não suplantado por moderno algum”.

Na “Lanterna Mágica” de nº 178, já citada, Oswald de Andrade traça a personalidade literária de Eça de Queiroz e sua convivência com o naturalismo francês, que o cronista desgosta, bem como não lhe agrada o “fradiquismo” do escritor português, a que o levou a amizade com o Conde de Resende, apesar de *O Pirralho* publicar uma enquete sobre Fradique Mendes, do nº 162, de 21 de novembro de 1914, ao nº 207, de 27 de novembro de 1915, à qual respondem literatos e mundanos. Oswald de Andrade desaprova a corrente naturalista de Émile Zola, à qual Eça teria se filiado durante sua permanência na França. A crítica moderna destaca a *imagination groississante* de Zola, na qual culminava a sua documentação da sociedade francesa. Oswald de Andrade diz faltar a Eça a poderosa imaginação de Zola, mas é loquaz na sua escrita a “deformação cômica”. O cronista sublinha: “Entendia ele e o disse em conferências de combate, que era deixado à ironia o papel castigador, filosófico e pessoal” da sua escrita. Oswald de Andrade conclui: “Daí as incongruências do ‘Crime do Padre Amaro’ e o ‘desconexo sistema de pintar a vida em gargalhada e momentos retóricos de tragédia’ em ‘Os Maias’”. Ao Eça naturalista diz preferir o Eça dos primeiros tempos, “natural e trêmulo da primeira emoção criadora”, sem sofrer o mal que rói os *enfants du siècle*. E diz isso ao estudar a questão da linguagem literária. A prosódia do escritor português teria sido prejudicada pelo contágio com a língua francesa, soberbamente manejada por Flaubert, entre outros, “a máscula e exata língua de Maupassant”. Ao francesismo da prosa de Eça de Queiroz naturalista prefere a prosa bárbara, espontânea, portuguesa, livre de fórmulas asfixiantes, da sua mocidade. Desiludido do naturalismo francês, Eça produziu *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*, “livros de contrição delineada e afirmada depois, onde está, na própria dificuldade em vencer as sugestões do estilo e fórmula de que se embebera, toda a tragédia sua e toda a sua alma de português nervoso, refinado e amantíssimo. Nele reside o Eça admirável”.

Nestes dois textos tão próximos cronologicamente, Oswald de Andrade parece contradizer-se quanto ao naturalismo, ressaltando o “talento natural” contra as fórmulas estéticas do naturalismo francês, as quais elogia em Maupassant, o mais “natural” dos naturalistas. No entanto, configuram-se aí as escolhas de Oswald de Andrade em 1914/1915, as quais se concretizarão na primeira versão de *Memórias Sentimentais de João*



*Miramar*, publicadas n’*O Pirralho*, em 1917. À catalogação materialista e à imaginação poderosa, que a crítica de seu tempo aponta em Zola, prefere a observação exata dos ambientes urbanos em Maupassant, talvez o mais visual dos naturalistas. O Maupassant grande contista é o pintor de quadros superficiais da sociedade parisiense. Maupassant praticou o jornalismo na *Vie parisienne*, onde trabalhava para sustentar sua vida de boêmio. A afinidade com Eça de Queiroz diz respeito ao esforço de Oswald de Andrade em criar uma linguagem literária própria, natural e urbana, absorvida a retórica naturalista de 1880 ainda persistente no meio literário, notadamente a sobrevivência consagrada de Ibsen, no repertório dramático em voga nos teatros, em São Paulo. A aparente oscilação de Oswald de Andrade a respeito do naturalismo, nas crônicas de “Lanterna Mágica”, é a expressão da busca de um caminho próprio no ecletismo desconcertante, que marca a convivência de diferentes tendências literárias, que convergem e divergem ao mesmo tempo, em determinados aspectos, sem, no entanto, constituir um “estilo de época” hegemônico.

## A ESCRITA DE “LANTERNA MÁGICA” N’O PIRRALHO

Oswald de Andrade escreveu a série de crônicas “Lanterna Mágica”, do nº 158, de 24 de outubro de 1914, ao nº 239, de 1917, como já dissemos. A crônica nº 159, de 31 de outubro de 1914, relata o início da guerra, anotando os principais acontecimentos da invasão da França pelo exército alemão sob o comando do General Kluck, o recuo das forças alemãs durante a Batalha do Marne e a fixação da linha de batalha do Marne até a Suíça. Logo no início das crônicas, a situação da neutralidade do Brasil no conflito da Europa faz Oswald de Andrade, católico, declarar-se “francês” e criticar a ala católica a favor da Alemanha dos padres redentoristas alemães do Santuário de Aparecida. O cronista lamenta o ataque inimigo à Catedral de Reims, em setembro de 1914, sob a alegação de que o exército francês teria instalado ali um posto de observação. E indaga o que seria do Santuário colonial e provinciano de Aparecida, com sua imensa Sala dos Milagres, se um ocasional inimigo o declarasse um posto de observação militar. A argumentação procura desmistificar o absurdo da ação militar e ressalta a indignação perante a destruição de um templo católico secular e objeto de culto por sua importância como um ícone da cultura francesa.

Ainda a respeito da invasão da Bélgica, em agosto de 1914, da estratégia de Von Kluck para invadir a França, com o exército alemão

situado já a quarenta quilômetros de Paris, e de sua malograda intenção de invadir a cidade, Oswald de Andrade caçoa da capacidade do General Kluck como estrategista, escorraçado por Joffre no Marne e batido em retirada pelo Aisne, como o Pacheco da tática. A comparação produz o rebaixamento cômico pela aproximação do General com a personagem de Eça de Queiroz, na *Correspondência de Fradique Mendes*, o vanglorioso realizador de façanhas inverossímeis. A alusão à personagem de ficção, frequentadora das páginas da revista pelo inquérito da “vida superior”, confere um estatuto literário à crônica da guerra. O relato da guerra na revista aparece notadamente na “charge” de capa assinada por Voltolino e nas “Cartas d’Abax’O Piques” de Juó Bananere, de uma perspectiva a favor dos aliados da Tríplice Entente: França, Grã-Bretanha e Rússia, sempre sob uma visada cômica contra a Tríplice Aliança: Alemanha, Áustria-Hungria e Itália. Os escritos de “Lanterna Mágica” não são propriamente crônicas de guerra, um jornalismo informativo, mas pontuam sua matéria com os fatos marcantes da ofensiva alemã do começo da guerra, até a estagnação do conflito da linha de frente da guerra de trincheiras. Oswald de Andrade não se detém sobre a carnificina da guerra, pois a escrita da crônica é ligeira. *O Pirralho* publica matéria de ficção, “charge” política na caricatura de Voltolino e de outros desenhistas, relata o cotidiano da vida literária e artística em São Paulo, além da enquete sobre a literatura coeva no Rio de Janeiro, e o dia a dia da política em São Paulo, sob o prisma do PRP e da oligarquia paulista.

A neutralidade do Brasil, até novembro de 1917, permite o afastamento necessário para que a conflagração mundial se exprima de forma humorística na revista, apesar da matéria sobre a campanha de Olavo Bilac conferencista, a favor do envio de tropas e da mobilização popular, notadamente dos italianos, em reportagens fotográficas, tal como “Agitação Nacional”, nº 234, de 20 de abril de 1917. A literatura permeia a escrita sobre a guerra, na crônica de nº 160, de 7 de novembro de 1914, na qual Oswald de Andrade comenta a conferência de Plínio Barreto sobre Gregório de Mattos e a celebração do Dia dos Mortos nos cemitérios dos campos de batalha na Europa, como o cemitério militar de Metz. A forma flexível da crônica jornalística permite passar de um assunto a outro, sem ferir a coerência do discurso. A crônica mantém a unidade, apesar da descontinuidade da escrita, a qual fecha com a intriga fantasiosa de um interlocutor anônimo, um escritor decadentista, sobre a invasão da Bélgica, cujo personagem imaginário agoniza em Charleroi. O escritor “up-to-date” cita David de Dinant: “O mundo é uma decadência de ser perfeito”.

No nº 165, de 12 de dezembro de 1914, Oswald propõe-se a discutir o que ele chama de “idealismo alemão”, o qual teria induzido a Alemanha à guerra. A propósito da ideologia pangermânica analisa a obra de Ibsen, a personagem João Gabriel Borkman. O cronista traça um paralelo entre Ibsen, Stendhal, Bourget e Dostoiewski, a respeito da psicologia do crime. Tal como Borkman, a Alemanha premeditou quarenta anos o seu golpe de hoje, para materializar seu sonho de grandeza consubstancializada na sua tradição filosófica de Kant a Nietzsche. Oswald combate o pangermanismo, o qual sustenta a ofensiva alemã desde a guerra Franco-Prussiana, e constrói sua polêmica utilizando a personagem de Ibsen, como prova do argumento psicológico sobre a mentalidade dos grandes criminosos e sobre os crimes de guerra.

Na última crônica sobre a guerra, nº 166, de 19 de dezembro de 1914, o escritor refere-se à derrota da frota marítima de Von Spee, em Falkland, em notícia resumida pelo telégrafo. A revista filtra os intermináveis noticiários de guerra propagados pela imprensa. A caricatura de capa resume pela imagem o comentário sobre os últimos acontecimentos, atacando a Tríplice Aliança: “A diplomacia turca em Hodeida” é o título do desenho de capa, sob pseudônimo de “Pau”. No corpo da revista, não há qualquer comentário escrito ou desenhado sobre o episódio desenhado na capa, o que faz supor o subentendido pelo leitor, habituado à leitura de jornais como *O Estado de S. Paulo*. De acordo com a orientação editorial d’*O Pirralho*, a guerra não ocupa o espaço central das colaborações anônimas ou assinadas. Deste modo, a contribuição autoral de Oswald de Andrade na crônica “Lanterna Mágica” traz a conflagração mundial para o centro das suas cogitações sobre a literatura em tempo de guerra, mediatizada pelo humor. Assim, ao tratar da batalha naval, refere-se ao livro de Claude Farrère sobre o combate entre russos e japoneses na batalha de “Tsou-Shima”. O cronista narra com acentos épicos o romance de guerra do referido escritor. Oswald de Andrade considera a épica da batalha naval superior à guerra de trincheira. Ao invés do combate corpo a corpo, trata-se de um bravo duelo, no qual o desfecho é o naufrágio. O mar é o campo do duelo de honra, no qual afunda o Borodino. Oswald de Andrade, leitor do noticiário dos jornais e do telégrafo, percebe no livro citado a épica das narrativas de guerra. Na guerra no Pacífico, depois da vitória na batalha de Coronel na costa do Chile, os alemães foram atraídos às Ilhas Falkland, onde Von Spee é derrotado pela Armada Britânica, graças a uma mensagem falsa codificada. Nesta crônica, o escritor não enfatiza, como de costume, a falta de competência estratégica militar alemã de forma cômica, mas celebra o suposto heroísmo aristocrático

da batalha naval, entusiasmado pela leitura do livro de Claude Farrère. A narrativa de guerra do cronista é sempre mediada por referência literária.

Os escritos de Oswald de Andrade para *O Pirralho* durante o ano de 1915 não têm mais como interesse a evolução da guerra na Europa, estagnada na linha de frente e sua carnificina. Os focos do interesse são a literatura e a arte produzidas em São Paulo e no Rio de Janeiro. As ilustrações de capa caricaturam a vida política de São Paulo, com alguma referência ocasional ao conflito mundial. Apesar da vida intelectual provinciana da cidade, repercutem nos comentários de “Lanterna Mágica” referências à literatura universal. Otto Maria Carpeaux (1964, p. 2765) menciona a internacionalização da produção cultural nos anos 1910 até a Primeira Guerra Mundial e a intensa mobilidade dos viajantes intelectuais e de passageiros a passeio através dos países europeus, e eu acrescentaria aos países periféricos, muitas vezes às Colônias. As alianças políticas que precedem a guerra não impedem a troca de mercadorias e de produtos culturais entre as nações. Os anos que precedem a guerra são de relativa estabilidade econômica, o grande êxodo imigratório dos trabalhadores rurais e das cidades do início do século já declinara. A prosperidade temporária da Europa colonialista propicia a frequência da convivência cultural. Um poeta viajante como Valéry Larbaud, com a publicação de seu livro *A. O. Barnabooth*, de 1913, exemplifica o deslocamento dos artistas e intelectuais e as trocas culturais, contemporâneos à sensibilidade e à mobilidade de Oswald de Andrade viajante, estudado por Antonio Candido (1977, p. 51-56). A crônica de viagem em “Lanterna Mágica”, traz as anotações do escritor em sua passagem pela Sicília, em visita a Giovanni Grasso, a romaria a Lourdes e os vestígios da boêmia simbolista no *Lapin Agile*, em Paris. A mobilidade é uma experiência vital e permite a circulação de ideias sobre a literatura e a arte, que fundamenta o conceito de moderno, neste momento.

Oswald de Andrade refere-se com frequência ao conceito de moderno, termo introduzido pelos Goncourt, mas que abrange a afluência de tendências literárias e artísticas desta época. Na crônica nº 169, de 9 de janeiro de 1915, o escritor diz respeito à arte de descrever os ambientes notadamente urbanos, como uma das expressões da modernidade. Modernidade que não é o contemporâneo, mas a sobrevivência modificada da geração de 1880, na atração e dispersão dos antagonismos e afinidades estéticas. Moderno para Oswald de Andrade é Maupassant, naquele instante. Ainda de acordo com Otto Maria Carpeaux, (1964, p. 2763), “1910 está mais perto de 1880 do que de 1920”, apesar de o Naturalismo e o Simbolismo já não possuírem sustentação

social e política. O Pós-Simbolismo produz obras consistentes do ponto de vista estético, tais como as de Yeats e Valéry. O Naturalismo pós-zolarista sofre a influência de Nietzsche, o que lhe confere força poética, mas altera seu sentido ideológico. Oswald de Andrade rejeita a ascendência de Nietzsche sobre o “fatalismo” de Maupassant. Em oposição ao determinismo biológico e econômico do Naturalismo, a literatura e a arte moderna vão buscar no Romantismo, subjetivo e emocional, na espiritualidade do Medievalismo e no Pré-Rafaelismo, a expressão das variadas ramificações do Pós-Simbolismo e do chamado Decadentismo. Mas o ecletismo e o epigonismo não são as únicas manifestações literárias dos anos imediatamente anteriores à Grande Guerra. O Colonialismo, resultado dos imperialismos alemão, francês, inglês, russo e otomano, traz consigo uma forma de primitivismo, como transformação do Naturalismo, que se traduz pelo gosto do exótico e do rústico, como expressão de um certo tipo de literatura regional.

Assim, Oswald de Andrade, o católico recentemente descrente, é um moderno, um homem de seu tempo na escrita para *O Pirralho*. No texto “As soluções de Ibsen”, nº 201, de 4 de setembro de 1915, dedicado a Sampaio Freire, ele discute a leitura moderna do *avant-naturalista* norueguês, antecipador de Zola, e sua vinculação com o pensamento alemão e a concepção de Deus. O estudante de filosofia da Faculdade São Bento debate as teses de Ibsen sobre a construção da personagem de Brand e de Peer Gynt, nas quais o pessimismo aprendido em Kant e Schopenhauer é redimido ao final por uma ideia de liberdade. Diz o cronista: “De Brand se podia dizer que é a estátua da razão pura, modelada em Kant”. E deriva de Brand a filiação das personagens de Ibsen, os “falsos iluminados”: Gregorio Werlé, Juliano, João Gabriel Burkman, Solness e Rubeck. De Peer Gynt geram-se “os espectros” e “a companheira do ingênuo Tesman que se chamou Hedda Gabler. Nesta age, fatalizada, cega, schopenhauriana, a vontade suicida do indivíduo”. Ao final, há a conversão moral do indivíduo, como na “Casa de Bonecas”, na qual se discute a emancipação da mulher, a questão sexual e a pureza de consciência na construção da integridade do ser. Na prosa de Ibsen se debate o conflito da consciência burguesa, fundamentado no pessimismo da filosofia alemã, do qual o personagem afinal se liberta no “milagre da transfiguração”. Oswald de Andrade talvez veja no gesto final do “Petit Eyel” uma transcendência.

## OS DOIS CONTOS DE “LANTERNA MÁGICA”

No conto “Uma história de Rei e de Rainha”, de “Lanterna Mágica”, nº 161, de 14 de novembro de 1914, ano IV, Oswald de Andrade dedica ao sisudo e respeitável Amadeu Amaral uma breve história cômica. A narrativa abre com o bordão do conto infantil, “Era uma vez”, e prossegue com um desenrolar de moral burguesa duvidosa e um desfecho de estória de crime. O começo descreve o interior de um salão azul enfeitado de *chinoiseries* extravagantes, onde a jovem princesa, morena de grandes olhos negros, “fina como uma flor, esperta de temperamento e absurdamente aristocrática, recebia as amiguinhas” e comentava os últimos escândalos. A descrição do ambiente extravagante ilustra o país de lenda, o qual por “distração de Jeová, conservava em pleno século vinte energias selvagens ao lado de decadências *up-to-date*”. A ação prossegue na estação balneária belga de Ostende, onde a princesa flerta com Oscar de Munster, quase um príncipe, comandante de lanceiros da Guarda Imperial. Mas a princesa é flagrada pela mãe e levada de volta ao seu país de origem, país “de lenda e vida pletórica”, onde reina “calvo e clownesco” o rei Balão I. A princesa falada casa com o rei impopular, que é deposto por uma sublevação. No castelo do exílio, a princesa se aborrece com afazeres domésticos. O conto fecha-se na cozinha do castelo, onde dominava o cozinheiro chinês. O Rei Balão segue a Rainha *yankee* até a cozinha, onde lhe pespega uma “beijoca na nuca”. A narrativa salta para o episódio seguinte para criar suspense como nos contos policiais. O mordomo no dia seguinte solicita uma vassoura nova, pois Sua Majestade, “escorrendo na calva, faleceu dias depois”. Abre-se o inquérito e descobre-se que o monarca não falecera de morte natural. A culpa do cozinheiro chinês é descartada e conclui-se por suicídio, confirmado pela Rainha, “com a cor esmaecida das figuras do Beato Angélico”. Na conclusão, o biógrafo do Rei exalta o suicídio do Rei Balão Furado, que teria dito uma última frase em latim macarrônico: “– Ego cum vassoram in testibus escarreo in nemicos meos”. A escrita híbrida de conto supostamente infantil mencionado, de crônica de guerra, através da ficcionalização da invasão da Bélgica pela Alemanha, e de conto policial, como a série “As aventuras extraordinárias de um polícia amador”, nº 40, de 11 de maio de 1912, seguida de “As desventuras extraordinárias de um polícia amador – o detetive Bull-Dog”, o Doutor Humfrey Brown, publicada anonimamente, entre o nº 47, de 21 de junho de 1912, ao nº 80, de 11 de março de 1913, é muito banal. Mas o conto põe em questão os problemas da escrita moderna de Oswald de Andrade, na qual satiriza os “decadentismos *up-to-date*”. Oswald de Andrade curiosamente dedica

a breve narrativa à autoridade de Amadeu Amaral, líder da vida cultural em São Paulo e candidato à vaga na Academia Brasileira de Letras. Mas o conto não tem qualidade literária e seu interesse pelo momento passa ao largo das narrativas jornalísticas ou cômicas a respeito da guerra na Europa. A publicação de “Uma história de Rei e de Rainha” justifica-se pela tradição humorística d’*O Pirralho*.

A outra narrativa, “História de Máscaras”, nº 174, 13 de fevereiro de 1915, é dedicada a Pedro Rodrigues de Almeida, irmão de Guilherme de Almeida. O conto, publicado durante o Carnaval, não faz referência às *Memórias Sentimentais de João Miramar*, mas tem afinidades com o capítulo “LI – Os Cinco Dominós”, das *Memórias Sentimentais de João Miramar*, publicado na revista do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito de São Francisco, *O Onze de Agosto*, de maio de 1919, nas páginas 14 a 16 (CHALMERS, 2004). Ao contrário da narrativa precedente, o breve capítulo tem estatuto literário e busca o reconhecimento do leitor pela alusão à tragédia do *Hamlet* de William Shakespeare e pelo trabalho na linguagem. A escrita artística de Oswald de Andrade neste texto utiliza estilemas decadentistas, bem como os resíduos das tendências dominantes na época, uma intrincada rede de sobrevivências do Naturalismo e do Simbolismo. A ambientação de antiquário do conto d’*O Pirralho* e a caracterização da personagem do baronete, na meia máscara da sua fantasia de Arlequim, ganham atualidade e verossimilhança na recepção do relato, pela ocasião do Carnaval, durante o qual a breve narrativa é publicada. A atmosfera emotiva exasperada do conto gótico de Oswald de Andrade, entretanto, exprime-se na vertente da narrativa do sacrilégio e da representação da morte, que são o avesso do cortejo do Carnaval, pela aproximação da Quaresma. A aproximação da procissão da Semana Santa do falso Cristo e dos farricocos, que o acompanham à porta do Castelo, ecoa Shakespeare na cena dos archotes acesos na noite escura na direção da fortaleza. O disfarce do ladrão descoberto pelo golpe do florete do Arlequim reforça o sentimento do sacrilégio, da violação do sagrado, no domingo de Carnaval. A tônica emotiva do crime do baronete, motivado pela dúvida leviana do amor de Ofélia, na explícita alusão à ambivalência de Hamlet, confere uma elevação dramática à prosaica trama do conto d’*O Pirralho*. O suposto sacrilégio do crime do falso Hamlet, quando assassina o chefe do bando de ladrões, que assaltara o Castelo de seu pai, cria a atmosfera da farsa burlesca. O conto termina na hipérbole tragicômica da desmistificação do falso dilema espiritual do baronete. O conto é bizarro na sua ironia profana posada.

O desfecho do capítulo excluído de *As Memórias Sentimentais de João Miramar*, “Os Cinco Dominós”, também é bizarro. A atmosfera cheia do sentimento do *spleen* fecha-se com a chave de ouro da execução ao piano por Parreiras da *Dança Macabra* de Saint-Saens. O grande final do capítulo alude à música simbolista e imprime o caráter do inefável ao mistério artificial que envolve a figura do Dominó Negro. Oswald de Andrade ao nomear o pintor Parreiras como personagem do quinteto farsesco formado por Parreiras, Jeroly, Carlos, João de Barros, Miramar, toma uma licença poética, pois o Parreiras da vida real nunca foi simbolista. O escritor explora a ambivalência entre o prosaico e o agonismo na trama fatalista do suicídio de Jorge D’Alvelos e da paixão mórbida por Alma, na transposição das pessoas e dos fatos da vida literária e artística para a ficção de *Memórias Sentimentais de João Miramar* e de *Os Condenados*. O capítulo excluído dos “Cinco Dominós” cruza com a narrativa do suicídio do Pierrot, Jorge D’Alvelos, durante a terça-feira de Carnaval, em “Na Morgue”, de *A Estrela de Absinto*, publicada no *Correio Paulistano*, em 14 de maio de 1921. O agonismo da narrativa carnavalesca é um “outro”, que revela e esconde uma personalidade literária, a qual expressa a ambiguidade de sentimentos: o pessimismo decadentista e o culto do moderno, sem a modernolatria futurista, revelados na mobilidade e na versatilidade de Oswald de Andrade.

## **A ESCRITA DAS MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR N’O PIRRALHO**

O *Pirralho* nº 223, de 30 de setembro de 1916, publica o fragmento “Vida Provinciana”, das *Memórias Sentimentais de João Miramar*, episódio rural excluído da versão final de 1924. Neste breve fragmento, o narrador em primeira pessoa relata a viagem com a mãe a Caxambu, reduto familiar, e o encontro com duas parentas vestidas de xales pretos. Hospedam-se no Palace Hotel, vazio de outros hóspedes fora de temporada. O narrador acompanha a mãe às fontes, anda a cavalo e visita os amigos de infância, que lhe falam do pai, antes do “almoço nacional”, feito de lombo e tutu de feijão. À tarde tinha por hábito esperar a chegada do trem e uma noite de chuva assistiu à chegada dos “*trollys* rústicos e os carreiros de hotel” vazios de novos hóspedes. O grande quarto à noite assustava o narrador. O fragmento descreve uma cena bucólica e relata um episódio da autobiografia do escritor, o qual nunca foi reproduzido em livro. A narrativa supostamente autobiográfica decorre sem tropeços de estilização no livre fluxo de consciência. O relato despido de estilemas



*up-to-date* apresenta uma prosódia coloquial sem realce dramático, conotando um sentimento de vazio, marcado pela melancolia do tempo decorrido entre a enunciação e o enunciado, expresso pelo pretérito imperfeito do indicativo. O episódio destituído de ênfase aparente, como a crônica, mostra um projeto inicial destas *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de um livro de autobiografia à diferença da transcrição ficcional do relato de 1924. O recorte publicado na revista compõe uma crônica singela de uma viagem de cura de estação de águas em companhia da saudosa mãe.

A escrita da “Vida Provinciana” não faz parte da dedicatória ou do primeiro capítulo de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, publicado a seguir nos números 237 e 238, sem data completa, de 1917. O nº 237, ilustrado por Di Cavalcanti destas confissões comovidas, publica o “Ofertório”, assinado João Miramar. Nesta abertura, intitulada “Primeira Página”, há duas epígrafes que resumem o conteúdo emotivo do “Ofertório”. A primeira cita os versos do poema “Dualismo” de Olavo Bilac:

Não és bom nem és mau, és triste e humano

.....

.....

E no perpétuo ideal que te devora,

Residem juntamente no teu peito

Um demónio que ruge e um Deus que chora

A outra epígrafe cita o primeiro capítulo do *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes:

No le faltaba outra cosa sino buscar una dama de quien enamorarse, porque el caballero andante sin amores era arbol sin hojas y sin frutos, y cuerpo sin alma

E ainda o último capítulo:

...en error en que jo he cahido de que hubo y hay caballeros andantes en el mundo.

Neste “Ofertório” autobiográfico narrado pelo narrador-personagem João Miramar, pseudônimo de Oswald de Andrade no livro de bordo da *garçonnière* da rua Libero Badaró, *O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo*, avulta a figura da mãe, incógnita, a quem são dedicadas estas “confissões comovidas”. Oswald de Andrade escreve em memória da mãe falecida na sua volta da Europa em 1912, expressando o conflito entre a culpa e a falta. A confissão exprime o pedido de perdão pelos erros da sua

juventude, a ambivalência entre a fidelidade à sua educação sentimental e o desejo de aventura. Apesar de assinar J.M., o tom confessional revela o desejo da autobiografia e cria a expectativa no leitor de um relato intimista.

Mas o primeiro capítulo, “Rumo à vida sensacional”, publicado no nº 238 de 1917, toma outra direção, na qual se sobrepõem a confissão e a ficção. O autor-narrador abre o relato do final da adolescência usando a terceira pessoa do plural: “Saímos calados, aos grupos de dois e três, pelo largo portão abacial do colégio, onde acabávamos de ter a última aula do nosso curso de seis anos”. Em seguida, o *camera eye* fecha o foco para a primeira pessoa do singular, ao introduzir o tema da separação dos destinos dos colegas de curso, outros rumo à Academia, a Faculdade de Direito de São Francisco, e da escolha solitária de “Miramar”, apontado como literato por Cerqueira, membro dos companheiros do colégio, entre os quais: Carlos Cintra, Afonso Lins, Carlos Alberto, José Cerqueira, com quem o narrador atravessa o Triângulo. Perguntado por Carlos Alberto, ele relata o encontro que tivera na “Ilha”, um frege na Sé, frente à Catedral, com o grupo de jovens literatos liderados por Gonçalo Rico, admiração literária de Miramar. Chegando aos “Quatro Cantos”, os amigos se despedem. Miramar reafirma seu desinteresse pelos exames de ingresso na Academia. E fica ali parado na expectativa de ver passar, “acompanhado pelo séquito dos seus boêmios, de capa largada ao ombro, moreno e franzino, o poeta acadêmico Gonçalo Rico que, àquelas horas, deixava o pátio do velho Convento de São Francisco”. Este capítulo não aproveitado na edição em livro de 1924, apresenta uma nota nostálgica e, ao mesmo tempo, uma revelação da precocidade da vocação adolescente de Miramar. Trata-se de um momento iniciático na vida literária do narrador, uma confissão de suas afinidades eletivas. Oswald de Andrade, em suas memórias, *Um homem sem profissão – Sob as ordens de mamãe*, (ANDRADE, 1974), narra os estudos no Colégio São Bento, a confirmação da vocação literária ainda no ginásio em 1907 e o começo de sua vida de escritor, em 1909, ao publicar neste ano o artigo “Penando” no *Diário Popular* e ao ingressar no jornalismo, pela mão de seu pai, como foca da seção de teatro do jornal, na coluna “Teatros e Salões”, do citado jornal. As camadas dos palimpsestos confessionais sobrepõem-se na obra édita e inédita de Oswald de Andrade, ao longo de toda a sua carreira de escritor até a véspera de sua morte. Ao que parece, Oswald de Andrade pretendia publicar esta primeira versão de *Memórias Sentimentais de João Miramar* em folhetim na revista *O Pirralho*. A série é interrompida pelo afastamento do escritor da revista, a qual entrava em decadência, mesmo sob uma nova direção que pretendia resgatar o dinamismo dos

anos de estreia. A publicação da revista é interrompida no nº 249, de 25 de fevereiro de 1918, ano VII. Nos capítulos de *Memórias Sentimentais de João Miramar* publicados n’*O Pirralho*, o pacto autobiográfico feito no “Ofertório” dedicado à mãe do escritor é rompido pela irrupção da ficção. No “Primeiro Capítulo”, “Rumo à vida sensacional”, a enumeração dos codinomes dos colegas de curso de Miramar e a caracterização romântica do poeta acadêmico Ricardo Gonçalo, talvez pseudônimo do poeta Ricardo Gonçalves, amizade literária do tempo do Cenáculo de Monteiro Lobato, como um descendente da boêmia de Álvares de Azevedo, imprimem um caráter de *roman à clé* à narrativa. Ao contrário do Miramar da ficção, Oswald foi Bacharel de Direito em 1919. Pois, na reversibilidade do jogo do foco narrativo, alternam-se a autobiografia e a ficção, porém a expressão é sincera como na confissão, não há inversão paródica ou ironia, a escrita é clara e direta, desprovida de estilização ostensiva, quase sem adjetivação. A escrita é escorreita, rejeitados os ditames das tendências dominantes da produção literária do momento. Oswald de Andrade inova a escrita por manter uma linguagem normativa, um coloquialismo enxuto de erudição, enfim, uma prosa moderna dinâmica e quase clássica. Os episódios não aproveitados na redação final das *Memórias Sentimentais de João Miramar* aparecerão no livro de memórias, *Um homem sem profissão – sob as ordens de mamãe*, deixando manifesto o contágio do livro de ficção e da narrativa memorialista pela autobiografia, espécie de ur-texto, subjacente à sua escritura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Oswald de. *Dicionário de Bolso*. Apresentação, estabelecimento e fixação de texto Maria Eugenia Boaventura. Rio de Janeiro: Globo-Secretaria do Estado da Cultura, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Memórias Sentimentais de João Miramar – Serafim Ponte Grande*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Um Homem sem Profissão. Sob as Ordens de Mamãe*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- CANDIDO, Antonio. Oswald Viajante. in *Vários Escritos*. 2ª edição. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1977.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1964.
- CHALMERS, Vera Maria. A Correspondência do Piques. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo: 1988.

\_\_\_\_\_. Seis Capítulos de Oswald de Andrade. *Literatura e Sociedade*. Vol. 7, São Paulo: Edusp, 2004.

*O Pirralho*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>. Acessado em: Março/Abril de 2013.

## FIGURAS & FIGURÕES



FERRIGNAC [Ignácio da Costa Ferreira]. "Figuras e figurões". Oswald de Andrade (O *Pirralho*, São Paulo, n. 224, ano VI, 14 out. 1916).

